COMPARTILHAR IMAGINÁRIOS: O JORNALISMO COMPARTILHADO COMO CONSTRUTOR DE ESPAÇOS DEMOCRÁTICOS E CRIATIVOS

JANAÍNA DE OLIVEIRA [1]

JORDANA CRISTINA ALVES BARBOSA[2]

RESUMO

A América Latina é um campo fértil e produtivo de imaginários sociais ao mesmo tempo em que vários veículos de comunicação ignoram essa diversidade por seus interesses econômicos, transformando tudo em informação hegemônica. Em contrapartida, o Jornalismo Compartilhado tem contribuído com a memória e o imaginário social das comunidades que, historicamente, foram e são sub-representadas ou, ainda, não representadas. É esse o ponto de partida para a construção deste artigo, a experiência que o Jornalismo Compartilhado oferece como uma alternativa teórica e prática. Desde 2000, o laboratório de ensino, pesquisa, extensão e coletivo Magnifica Mundi vem trabalhando pela democratização da comunicação no Brasil, além de proporcionar experiências diferenciadas e não hegemônicas a graduandos em Jornalismo. O coletivo oferece cursos de formação para jovens e adultos, que se tornam jornalistas populares e produzem informações dentro de suas realidades. A memória, assim, vai sendo recuperada, preservada e repassada também pelos jornalistas populares. A América Latina, lugar de contadores de histórias,

[1] - Universidade Federal de Goiás (UFG)
[2] - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

cantores, trovadores, repentistas, mestres e mestras de funções menosprezadas pelo mercado capitalista, pode construir um enorme e sólido espaço para a criatividade, para a memória e para o imaginário via Jornalismo Compartilhado que, assim, contribui para o fortalecimento e continuidade da criatividade dos povos latino-americanos.

PALAVRAS CHAVE:

Imaginário Social, Jornalismo Compartilhado, Magnífica Mundi

ABSTRACT

Latin America is a fertile and productive of social imaginary at the same time in which several communication vehicles will ignore this diversity by their economic interests, transforming everything into hegemonic information. In contrast, the Shared Journalism has contributed with the memory and the social imaginary of communities who, historically, have been and are under-represented, or even not represented. This is the starting point for the construction of this article, the shared experience that journalism offers as an alternative theory and practice. Since 2000, the laboratory of teaching, research, extension and collective Magnifies Mundi has been working for the democratisation of communication in Brazil, besides providing differentiated experiences and non-hegemonic to undergraduates in journalism. The collective offers training courses for young people and adults, who become popular journalists and produce information within their realities. The memory, as well, will be recovered, preserved and passed also by popular journalists. Latin

America, a place of storytellers, singers, troubadours, repentistas, masters and teachers of functions disregarded by the capitalist market, you can build a huge and solid space for creativity, to memory and to the imaginary via shared Journalism, which contributes to the strengthening and continuity of the creativity of the Latin American peoples.

KEY WORDS

Social imaginary, Journalism Shared, Magnificent Mundi

INTRODUÇÃO

O Tratado de Tordesilhas foi assinado em 1494 entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela para dividir o domínio sob as terras e as pessoas da América do Sul. A partir dessa época, a colonização redefiniu o nacional, o regional e o mundial no mesmo processo em que novas relações sociais e de poder foram constituindo o mundo moderno- colonial que nos estruturam ainda hoje (PORTO-GONÇALVES, 2012).

Contudo, os limites territoriais entre as Coroas não foram respeitados e por volta de 1682 o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, foi designado para liderar uma expedição portuguesa em busca de pedras preciosas e de indígenas para escravização no interior da Capitania de São Paulo (SILVA, 2014). Segundo anedota regional, que ainda faz parte do imaginário social atual e, que também, explica o nome do Estado e da cidade Goiás, ao encontrar indígenas da etnia Goyá na nascente do rio Vermelho e próximo a Serra Dourada, Bartolomeu Bueno incendiou um pouco de cachaça e ameaçou colocar fogo no rio se os indígenas não contassem onde encontrar

o ouro usado pela etnia como adereço. Após esse momento, Bartolomeu e seu filho de mesmo nome seriam conhecidos pelo apelido de Anhanguera, que na língua indígena Guarani significa Diabo Velho ou Espírito Mau (SILVA, 2014).

Pela abundância de ouro na região central do Brasil Colônia, as bandeiras portuguesas continuaram e Bartolomeu Filho impulsionou a colonização do território goiano às margens do rio Vermelho. O local se transformou em Vila Boa de Goyaz, sede administrativa da Capitania de Goyaz em 1748. Segundo o pesquisador Marcelo Silva (2014) nesse período as nações indígenas Xacriabá e Avá-Canoeiro foram reduzidas, os índios Goyá, Crixá, Kayapó Meridional e Akroá foram exterminados enquanto o povo Caiapó destacou-se na resistência e reação atacando povoados e fazendas da região.

Já em 1750, os reis João V de Portugal e Fernando VI da Espanha redesenharam institucionalmente a divisão dos territórios das colônias sul-americanas no Tratado de Madri, destinando a Portugal o domínio sobre as terras a oeste da linha de Tordesilhas. Entretanto, no mesmo ano, a explorada Capitania de Goyaz perde sua população e importância econômica pela escassez de ouro (Silva, 2014). Entre 1770 e 1785 a sede administrativa ganha um projeto arquitetônico incluindo arborização e alinhamento das ruas, planejamento urbano que é mantido até hoje. Em 1818, uma carta régia de Dom João VI transforma a vila em Cidade de Goiás. Com o declínio da mineração, a população de Goiás se dedica à agricultura e pecuária, no século XXI ainda predomina o agronegócio na região.

No final do século XIX a oligarquia dos Caiados assume o poder

político do estado, em 1930, Getúlio Vargas nomeia o interventor Pedro Ludovico Teixeira como novo governador, este sendo grande inimigo politico da família Caiado. Um dos primeiros atos políticos e importantes feitos por Pedro Ludovico foi transferir a capital da cidade de Goiás para outra região do estado. Um jeito de "atender" interesses dos outros municípios, mas acima de tudo, uma forma de descentralizar o poder exercido durante muitos anos pela família Caiado[3]. A nova capital, Goiânia, localizada a 140 quilômetros da antiga Vila Boa de Goyaz, é construída em prol da modernidade do estado e o nome da cidade torna-se apenas Goiás.

Já em 2001, a cidade de mesmo nome do Estado ganha o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) por suas fortes e múltiplas expressões culturais e artísticas, além de possuir arquitetura e infraestrutura marcada pelos processos de colonização, exploração mineral e resistência à escravidão do século XVII.

> O título faz jus à arquitetura, à cultura e à memória da cidade. Sendo o primeiro núcleo urbano fundado no território goiano no início do século 18. Entre becos, casarões coloniais e quintais, entre procissões, igrejas e santos barrocos, entre alfenins e empadões está escrita à história goiana-brasileira e a história de todos os seus fabulosos personagens (Portal da cidade de Goiás, www.cidadedegoias.com.br, 2001).

[3] É importante salientar que nas eleições de 2018, Ronaldo Caiado foi eleito para governador do estado de Goiás no primeiro turno e, anteriormente já havia exercido quatro mandatos como deputado federal e um de senador.

Goiás, minha cidade...

Eu sou aquela amorosa

de suas ruas estreitas,

curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
(...)
Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.
(CORALINA, 2014, pp. 34-36)

Desde então, enquanto a pequena cidade de Goiás move sua economia pelo turismo histórico, cultural e ambiental (PAULUS, 2013) a atividade agropecuária extensiva e latifundiária consegue dominar tanto a economia quanto as relações de poder em todo Estado. Consequentemente, "a população camponesa composta por camponeses, quilombolas, indígenas, pescadores, caiçaras, caboclos, bóias-frias, seringueiros, povos da floresta, caipiras, peões, lavradores, posseiros, sem-terra, roceiros, sertanejos, mineradores e caçadores de minério" (NASCIMENTO, 2003) ocupa os territórios rurais com agricultura familiar destinada à subsistência e ao mercado local, sofre pelo Estado priorizar a ocupação do mesmo território pela agricultura capitalista patronal, baseada na monocultura exportadora (NASCIMENTO, 2003).

Deste modo, o êxodo rural torna-se a verdadeira política agrícola nacional e os/as camponeses/as são excluídos socialmente por serem considerados atrasados e "fora do lugar" pelo sistema-mundo colonial-moderno (PORTO-GONÇALVES, 2012) que prioriza a concentração de propriedade e renda, desemprego urbano e intensificação da violência, além de demarcar o ambiente urbano como superior ao rural no imaginário social brasileiro (NASCIMENTO, 2003). Partindo desses pontos se cria estereótipos do mundo rural com consequências diretas à vida de camponeses, quilombolas, ribeirinhos etc.

Um exemplo é a criação do personagem Jeca Tatu pelo escritor Monteiro Lobato. Jeca Tatu é um trabalhador rural e, é o símbolo estereotipado do "caipira" brasileiro. O personagem é desprezado pelo Estado e seu corpo é entrega a falta de escolaridade, às doenças e ao atraso econômico. Sempre andando descalço, tem os calcanhares rachados, sofre com parasitas, é totalmente avesso a higiene e carrega o fardo da preguiça que o impede que cultivar e cuidar de si próprio.

Desqualificados por conceitos e estereótipos pejorativos como a preguiça, a ingenuidade e a incapacidade intelectual que alimentam o preconceito no imaginário urbano, a educação do/as camponeses/as foi reduzida ao ensino de educação básica e sempre esteve ignorado, marginalizado e fora da agenda política do país (NASCIMENTO, 2003). Assim, crianças e jovens não tinham alternativas de permanência no campo, pois se existia o desejo de estudar era preciso migrar para as cidades próximas em busca de educação. Entretanto, a inquietação de pais e estudantes residentes em Goiás incentivou uma busca por novas alternativas de ensino.

E é por essa busca que surge em 1994, há poucos quilômetros do centro da cidade de Goiás, a Escola da Família Agrícola de Goiás (EFAGO) que visa oferecer uma educação vinculada à fértil e produtiva cultura regional a partir da Pedagogia da Alternância[4], ou seja, valorizando o tempo escola e o tempo comunidade-família. Além agroecologia e também ao contribuir na luta por uma política agrícola diferenciada e adequada à preservação da vida e do meio ambiente. Portanto, a EFAGO valoriza, incentiva e promove o intercâmbio de experiências alternativas de organização, gerenciamento e comercialização para garantir não só a qualidade do produto da agricultura familiar, mas também o acesso ao mercado e uma renda justa (NASCIMENTO, 2003).

Por apoiar todo tipo de luta por direitos há quase 20 anos, a Magnífica Mundi concordou em realizar oficinas de Jornalismo para auxiliar na independência comunicacional e na ampliação de voz dos homens e mulheres estudantes, professores e colaboradores da escola, uma vez que os veículos de comunicação de massa ignoram essa diversidade de conhecimentos históricos, técnicos e culturais da vida agrícola familiar por seus interesses econômicos.

A Magnifica Mundi, apelidada carinhosamente pelos estudantes como Mag, é um coletivo, projeto de extensão e laboratório de pesquisa

[4] Pedagogia da Alternância é um projeto-educativo que contribui para a promoção e o desenvolvimento das pessoas, num contexto sócio-geográfico e profissional concreto. É uma educação que ajuda a preparação para e no trabalho e a profissionalização com: qualificação e profissionalização legal; inserção profissional na agricultura familiar e outras profissões no meio rural; possibilidade de continuar os estudos. (NASCIMENTO, 2005, pg. 24).

vinculado ao curso de Jornalismo na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). A Mag tem uma perspectiva interdisciplinar e sempre contou com estudantes de várias áreas do conhecimento e um dos trabalhos do coletivo é desenvolver projetos dentro da perspectiva da Comunicação Compartilhada. O público-alvo da Magnifica Mundi sempre foram assentamentos, escolas rurais, quilombos, aldeias indígenas, ocupações urbanas e o projeto desenvolvido vão desde a montagem de uma rádio comunitária à transmissão ao vivo via *streaming* de programas para rádio, web rádio e web TV, além de jornal mural, fotografias e documentários.

A EFAGO, sendo uma escola agrícola se encaixa perfeitamente nos interesses da Magnifica Mundi que ainda objetiva sempre trabalhar com o imaginário social do povo "cerradense", ou seja, os habitantes do Cerrado. As oficinas de comunicação para crianças, jovens e adultos são o cotidiano das práticas do coletivo.

Assim, a escola era o destino de três estudantes e um professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás em maio de 2016. O grupo, que faz parte do coletivo e laboratório de extensão Magnífica Mundi, viajou de Goiânia – capital do Estado – até o município de Goiás para ensinar Jornalismo, voluntariamente. Todos visavam ampliar vozes e compartilhar imaginários, experiências e conhecimentos técnicos entre os jovens da UFG e da EFAGO para ser registrado em plataformas eletrônicas e digitais que pudessem ser acessadas por qualquer pessoa do mundo pela internet.

O CAMPO SINTONIZADO NA RÁDIO

Campo e cidade não são termos e nem ambientes opostos, pois ambos se conectam e fazem parte do mesmo sistema-mundo colonial-moderno. Em contrapartida, o imaginário social brasileiro, impulsionado por representações comunicacionais, insiste em simplificar pejorativamente o complexo ambiente campesino e seus sujeitos. Há personagens de TV, rádio e cinema vinculados ao entretenimento que utilizam os estereótipos de preguiça, incapacidade intelectual e ingenuidade para fazer humor e levar os personagens 'atrasados' para o progresso do mundo moderno.

Também na esfera comunicacional surge o resultado da hegemonia gramsciana[5] quando a programação do veículo mais influente do Brasil, a televisão, oscila entre programas de entretenimento que abraçam as bandeiras de alguns movimentos sociais durante a noite - como o feminismo em Amor e Sexo e a descriminalização das drogas em Conversa com Bial – e programas jornalísticos que omitem informações políticas e econômicas ao longo do dia, mesmo com uma editoria mais local e participativa.

Nesse contexto, a Magnífica Mundi busca trilhar caminhos opostos à comunicação de massa através do Jornalismo Compartilhado que ainda é uma vertente marginal e revolucionária. Podemos afirmar que o Coletivo tem o seguinte objetivo:

[5] Hegemonia cultural é um conceito formulado por Antonio Gramsci para descrever o tipo de dominação ideológica de uma classe social sobre outra (em um mundo capitalista), particularmente da burguesia sobre o proletariado. Um exemplo é quando os interesses da alta burguesia de um país são colocados como os interesses de toda sociedade do país ou quando a historiografia se concentra apenas em grupos ou indivíduos de elite.

> observar as relações sociais fomentando a importância da subjetividade, das trocas e da experiência vivida. Tendo o campo da comunicação como ponte, um espaço de diálogos e de encontro de epistemologias pelo ato de compartilhar, que é uma prática desobediente à norma (ALMEIDA & ROCHA, 2017).

Assim, o Jornalismo Compartilhado refere-se a uma prática jornalística emancipadora, pois não só amplia espaço para ideias e capacita tecnicamente, como também constrói junto com as mais diversas comunidades novas formas de compartilhar conhecimentos, trocar experiências e lutar por ideais que representem sua identidade e realidade.

Um dos exemplos que podemos citar é o caso da comunidade Sertão, uma comunidade rural que fica na Serra das Laranjeiras no município de Alto Paraíso de Goiás. A única escola desta comunidade é cortada, literalmente, por uma estrada, a GO- 239, o pátio da escola se encontra exatamente na GO-239, rodovia que é usada como parte do roteiro do Rally dos Sertões[6]. A direção da escola enfrentava e ainda enfrenta inúmeros problemas para conseguir manter a escola em funcionamento, problemas como transporte precário que muitas vezes não conseguia buscar as crianças, poucos professores, o que implicava em juntar as séries, falta de espaço para aulas de educação física e no mês do Rally dos Sertões a escola permanecia fechada pelo risco que poderia expor às crianças.

[6] O maior rally do país e já está na 23ª edição. Podem participar carros, motos, quadriciclos e caminhões. Homens e mulheres podem correr e em média o percurso é de 2500 km.

A Magnifica Mundi propôs uma oficina de comunicação e outras atividades pedagógicas. Estudantes de Jornalismo, Artes Cênicas, Música e Educação Física fizeram parte deste projeto. Além das oficinas e aulas de artes, teatro, música e comunicação, os graduandos ainda deram aulas de educação física com o que estava disponível, como, aulas de natação no rio das proximidades. Os alunos da escola produziram zines sobre suas realidades e uma rádio comunitária foi montada permanentemente na escola, o que facilitou em muito a comunicação da instituição com as famílias das crianças. Agora, a escola dos Sertões tem condições de avisar que o transporte estragou ou que o rio transbordou, ou que não haverá merenda ou ainda colocar as crianças para fazerem programas de rádio sobre as matérias que foram ensinadas nas aulas.

Quando uma criança assume o lugar da pessoa com o microfone na mão, ela não ganha apenas um *status*, ela oferece uma pequena revolução dentro da sua casa, dentro da escola, dentro da sua comunidade. Produzir programas de rádio é mostrar para as pessoas que é possível contar sua história, que é possível ser protagonista da sua própria narrativa. Que a verdade não vem de uma comunicação hegemônica que nunca fala sobre eles, mas sim que eles podem produzir suas verdades sempre que quiserem e falar sobre as realidades diversas existentes.

Voltando a teoria, vale considerar que o conceito e prática de Jornalismo Compartilhado são marginalizados nos cursos de Jornalismo por ser oposição à comunicação comercial e técnica para prestação de serviços. Ou, ainda, por não visar lucros exorbitantes, fama ou *status* social elevado pela posição social de jornalista hegemônico. Uma das intenções da Magnifica Mundi é fazer com que todos possam se libertar

da colonialidade do saber, da linguagem e do olhar, além de quebrar com os paradigmas hierárquicos e com as barreiras físicas e simbólicas.

Rancière (2008) afirma que essa colonialidade do olhar que impede a emersão de outras epistemologias, faz com que ao encontrar com o Outro, precise de um romper de ignorância, a ignorância do intelectual e a partir disso quebrar com paradigmas hierárquicos, com limites simbólicas como o rural/urbano, universidade/mercado de trabalho. A Magnifica Mundi trabalha a favor de uma comunicação sem barreiras que atenda e seja constituída pelos povos e não por um grupo social. Sendo assim, durante o processo de compartilhamento, o encontro com a cultura dita popular, o encontro com sujeitos marginalizados e subalternizados (incluindo crianças e adolescentes), constitui uma caminhada de mãos dados com o conhecimento.

A busca por um conhecimento que seja adequado aos trópicos, adequado às cores dessa gente, uma comunicação que não crie estereótipos, mas que trate o sujeito como ser socialmente constituído e digno de respeito. Uma comunicação em que o jornalista precise sair da zona de conforto do ato de traduzir o outro (SPIVAK, 2010) para o ato de caminhar junto com o outro, que também faz parte do eu.

E para tanto, a experiência das oficinas de Jornalismo ocorreram em meio aos caminhos retorcidos do cerrado, nos dias 23 e 24 de maio de 2016 e com cerca de 20 estudantes da EFAGO. O grupo foi dividido em dois para que as turmas alternassem entre as oficinas de rádio, web rádio e web TV, principalmente para vivenciar as possibilidades específicas e compreender o potencial geral da comunicação. Portanto, as fases de planejamento, produção e execução dos produtos deveriam ocorrer no

mesmo dia. No primeiro dia a turma de radio jornalismo foi guiada pelo professor de Jornalismo da UFG, Nilton José dos Reis Rocha, enquanto o segundo grupo foi instruído sobre televisão e meios audiovisuais com a estudante de Jornalismo, Janaína de Oliveira, e a colombiana e mestranda em comunicação pela Universidade Estadual de Goiás, Gloria Patricia Piedrahita Sarmiento.

As oficinas abordaram teoria e técnica jornalística via explicação no quadro, roda de conversa sobre as experiências das turmas e resposta a comentários e perguntas. Depois do diálogo, os estudantes foram orientados a produzir conteúdos. Entretanto, os temas de radiojornalismo eram livres enquanto na oficina de webtv todos os repórteres deveriam cumprir pautas específicas, definidas em grupo, para a produção de um telejornal.

Durante a parte prática os estudantes de Jornalismo da UFG, Marina Barros Ferreira e Luiz Phillipe de Araújo Barbosa, foram os responsáveis pela imagem, som, cenário e demais atribuições técnicas para os programas. Contudo, como a EFAGO possuía pouco acesso à internet e poucos equipamentos de comunicação, a Mag encarregou-se de compartilhar equipamentos de rádio, webrádio e webtv durante a oficina, o que provocou uma onda de entusiasmo, mas infelizmente, por não possuir os instrumentos a continuação dos programas dentro da escola não aconteceu.

Todos os/as estudantes manusearam câmeras fotográficas e equipamentos de transmissão com auxílio dos oficineiros Marina e Luiz. Enquanto isso, a turma de audiovisual realizavam reportagens com o próprio celular por não haver câmeras disponíveis, nem computadores

com programas de edição ou tempo para elaborar grandes produções. Assim, foi possível mostrar que com algo tão comum em sua realidade era possível fazer comunicação.

Os temas dos programas de rádio do primeiro dia abordaram piadas, músicas e crenças regionais, enquanto o primeiro telejornal chamou-se Jornal do Campo – Especial EFAGO - por sugestão dos estudantes - e abordou os seguintes aspectos da escola: história, produções e produtos. O roteiro para gravação do telejornal definiu as falas da apresentadora, a estudante Cleonice Dias, e a ordem de perguntas e de entrada das reportagens. Já a composição do cenário buscou integrar todos os estudantes numa meia lua dentro da sala de aula para que o jornal possibilitasse uma roda de conversa e demostrasse o ambiente escolar. Além disso, todos foram denominados de repórteres populares.

Durante a noite do primeiro dia, os estudantes e professores da EFAGO e da UFG, integraram-se durante o jantar após a finalização da oficina. Os/as estudantes compartilharam os dormitórios e conversaram sobre expectativas de futuro, gostos musicais e de estilo, além da própria oficina. Nesse momento, percebeu-se como os sonhos desses jovens eram parecidos, apesar das distintas realidades e cotidianos. O desejo de ser modelo e até mesmo jornalista, além da vontade de auxiliar financeiramente a família foram alguns dos sonhos em comum compartilhados pelos estudantes do campo e da cidade.

O segundo dia de oficina ocorreu dia 24 de maio e foi marcado pela transmissão ao vivo via Youtube no canal da Magnífica Mundi dos programas de rádio que até então estavam sendo transmitidos apenas para

os moradores locais e para a internet no canal de web rádio da Mag. A inserção dos programas de web rádio na web TV proporcionou maior interesse dos estudantes ao ver os resultados de visualização na internet. Além disso, o programa resultado da oficina de audiovisual, agora composto pela segunda turma que no dia anterior participou da oficina de radiojornalismo, também foi chamado de Jornal do Campo, mas abordou o tema "Juventude Saudável" para discutir a importância de práticas saudáveis por jovens da população campesina cerradense.

Essa segunda edição do telejornal também veiculou reportagens sobre receitas culinárias e remédios caseiros, gravados por celular e exibidos num computador portátil pela impossibilidade de edição. E dessa vez, o programa foi apresentado por duas mulheres, Maiane Silva e Gleika Lacerda. Já ao final do telejornal todos brincaram, cantaram e dançaram algumas músicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até a publicação deste artigo, todos os nove programas de web TV e web rádio produzidos e gravados na Escola Família Agrícola de Goiás alcançaram 784 visualizações no canal de Youtube da Magnífica Mundi. Este resultado numérico não define o sucesso das atividades, mas demonstra o nível de interação que 20 estudantes conseguiram proporcionar na internet. A troca de experiências entre a UFG e a EFAGO foi, acima de tudo, um movimento bilateral de imaginários sociais diversos que, a partir do trabalho em conjunto, ampliaram os horizontes comunicacionais

de todos os integrantes das oficinas ao evidenciar em programas jornalísticos a força e a resistência da cultura popular e campesina e a força dos conhecimentos culturais de jovens, homens e mulheres, ainda subjugados por preconceitos sociais no Brasil.

É fundamental ressaltar que esses adolescentes dominam vários conhecimentos como a agroecologia, a criação de animais e a extração de mel. São jovens que estão sendo preparados para ter uma profissão e, para eles a opção de sair do campo não é tão atrativa, já que, foi cultivado o desejo de estar e permanecer ali por amor à terra. É fácil perceber esse desejo, visto que ao final do web programa Jornal do Campo a apresentadora da primeira edição, Cleonice Dias, pergunta qual a importância da escola agrícola na vida de cada um. Nas respostas encontramos militância, engajamento, amor pela terra e desejo de se tornar um profissional capacitado.

Além disso, durante as oficinas, um dos produtos foi o web programa "Bela Mulher" tendo como apresentadoras duas estudantes adolescentes e como entrevistada uma das colegas. O programa teve como objetivo conversar entre mulheres sobre preconceito e cor/raça. A primeira pergunta foi "Qual a maior dificuldade de morar no campo?". Imediatamente, a reposta foi: "O estudo". À medida que o roteiro segue, elas abordam temas como vaidade feminina, aceitação das próprias características, cuidados pessoais, diferenças entre homens e mulheres no campo, o que leva aos temas de sexismo e divisão sexual do trabalho.

As adolescentes, apesar da timidez, mostram abertamente que são informadas e que têm preocupações com o próprio corpo, quebrando estereótipos criados sobre os trabalhadores rurais. Os desejos também não

estão escondidos, existe o anseio pelo respeito, pelo fim do preconceito, pela igualdade entre os sexos. É explicito que o imaginário das três adolescentes não ronda estereótipos e arquétipos de ser mulher no campo. O imaginário vai além, circula a realidade em que elas estão inseridas e transborda em suas falas através do desejo.

Assim, pode-se dizer que a EFAGO não condiz com a educação formal encontrada em outras escolas do país, pois tenta atender as demandas reais e necessárias do contexto campesino, tema que não possui espaço na mídia hegemônica. Logo, a iniciativa da Magnífica Mundi tem potencial para modificar a estrutura social, uma vez que suas ações geram espaços democráticos para promover uma revolução cultural de valorização e incorporação de camadas e grupos sociais distantes do poder da comunicação.

Portanto, progressivamente, 'o movimento racional de emancipação' (MORAIS, 2005) poderá mobilizar a consciência humana contra a opressão e modificar o imaginário hegemônico ao fomentar a quebra de preconceitos e ignorâncias. Neste caso, a experiência também promoveu uma quebra de paradigmas aos oficineiros e estudantes de Jornalismo da UFG, Janaína, Luís e Marina, tanto ao compartilhar imaginários quanto ao transcender os muros da universidade para experienciar a Comunicação Compartilhada.

Os autores Almeida e Rocha (2017) afirmam que a universidade encapsula os acadêmicos, estudantes de jornalismo, por exemplo, conhecem apenas uma forma de fazer jornalístico. Ao ter contato com o mundo externo, que em geral, também não faz parte de seus cotidianos externos à academia, percebem que existem outras formas de vida, de fazer comunicação, outros saberes e experiências. Não é apenas a técnica

que pode ser modificada, mas o caráter da construção humana dos inúmeros lados do mundo moderno-colonial em que vivemos.

Neste sentido, podemos afirmar que a Magnifica Mundi através da Comunicação Compartilhada tenta quebrar com estereótipos, com padrões hegemônicos, com preconceitos e ainda proporciona a escuta e registro dos conhecimentos populares e tradicionais. Com abordagem interdisciplinar, o intercambio de informações e de conhecimentos é feito de forma fluida, contínua e sem censuras.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, L. P. & ROCHA, N. J. R. **Jornalismo compartilhado como prática emancipatória das relações sociais**. *Anais Eletrônicos do I Congresso Epistemologias do Sul*, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.* São Paulo: Global, 2014.

NASCIMENTO, C. G. **Educação do campo e Escola Família Agrícola de Goiás: o caminhar da teimosia de um movimento social educativo**. *Revista Diálogo Educacional*, vol. 4, núm. 8, pp. 1-17, 2013.

NASCIMENTO, C. G. ***A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura*: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO**.

Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2005.

PAULUS, W. C. *Adaptação estratégica voltada ao turismo cultural*: o caso da Cidade de Goiás. Dissertação de mestrado, UniEvangélica: Anápolis, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A reinvenção dos territórios na América Latina/abya yala.** *Anais do Conceitos e Fenômenos Fundamentais de Nosso Tempo*, Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade do México: 2012.

SILVA, M. G. O. **Os índios e a colonização de Goiás**. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*: saberes e práticas científicas, Universidade Santa Úrsula: Rio de Janeiro, 2014.